

A 3 de novembro passaram exatamente cem anos sobre o nascimento do Padre MANUEL ANTUNES, muito destacada figura da cultura portuguesa, do pensamento, da Universidade – e na véspera iniciava-se, prolongando-se até ao dia 6, o Congresso Internacional a ele dedicado: REPENSAR PORTUGAL, A EUROPA E A GLOBALIZAÇÃO

«Explicava que o Ser deveria ser definido como um espaço de transcendência que só se atingiria graças ao exercício da liberdade – possibilidade existencial de tudo contestar».

Lídia Jorge, Escritora



padre

# Manuel Antunes



# padre Manuel Antunes

**Manuel Antunes** (Sertã, em 3 de Novembro de 1918 — Lisboa em 18 de Janeiro de 1985) foi um padre jesuíta, professor universitário e ensaísta português. Destacou-se pela sua erudição e capacidade de comunicação e pedagogia. Tem uma biblioteca com o seu nome na Sertã.

**Biografia** Filho de uma família deveras humilde. Aos 14 anos, deu entrada num Seminário Menor da Companhia de Jesus, em Guimarães. Com 18 anos tornou-se jesuíta; mais tarde doutora-se em

Filosofia e Teologia, com a tese *"Panorama da Filosofia Existencial de Kierkegaard a Heidegger"*, na Faculdade de Teologia de Granada, em Espanha.

Em 1949, com 31 anos, torna-se sacerdote e professor de *História da Literatura Grega* e de *História da Literatura Latina* na Sociedade de Jesus. Em 1957, a convite de Vitorino Nemésio, torna-se professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde lecionou várias disciplinas do curso de Filologia Clássica, com realce para a *História da Cultura Clássica*, onde se manteve até 1983. Em 1981 foi-lhe conferido, pela Faculdade de Letras de Lisboa, o grau de *doutor honoris causa*.

Os seus primeiros escritos são publicados na revista *Brotéria -Revista de Cristianismo e Cultura*, de cuja redação passa a fazer parte em 1955, e cuja direção assumirá mais tarde, durante cerca de 20 anos. A sua obra escrita abrange temas literários, filosóficos e culturais, muito deles publicados com 124 pseudónimos. Colaborou igualmente na Revista Portuguesa de Filosofia e na Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura. Era um grande amigo de António Sérgio, Vitorino Nemésio, José Régio, de Jorge de Sena e Almada Negreiros. Dele, terá Almada Negreiros dito um dia: *"Este homem é só espírito"*.

Foi um mestre excepcional que marcou para a vida toda milhares de estudantes que, ao longo de mais de um quarto de século, passaram pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa desde 1957. A sua memória continuou viva a iluminar o caminho de muitos. O professor, cuja competência, sentido humanista e abertura à atualidade atraíram o interesse e admiração dos alunos, também estendeu a mais vastos públicos o seu magistério, graças aos inúmeros artigos que foi publicando.

Mais tarde, foi conselheiro do presidente da República, Ramalho Eanes.

Foi condecorado como grande-oficial da Ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito, em 3 de agosto de 1983.

Manuel Antunes está imortalizado numa estátua na Sertã, da autoria de Vasco Berardo, inaugurada em 24 de Junho de 2005.

«O padre Manuel Antunes era uma pessoa extraordinária (...) a sua existência entre a vida de jesuíta e a de investigador, professor e escritor, davam-lhe uma espécie de visão abstrata da realidade.(...).

E lembro-me dos momentos de entusiasmo em que dizia de determinado vocábulo: *"Esta palavra fala grego."* E desfiava uma etimologia interminável.

Era um homem extremamente escrupuloso. Quando o meu pai lhe emprestou um livro, ele telefonou a perguntar se podia ler as notas que o meu pai escrevera nas margens.»

Eduardo Prado Coelho, *Público*, 1 de Dezembro de 2005

# Lídia Jorge sobre o Pe. Manuel Antunes: «Bom mesmo era apenas escutarmos»

«Como manter, então, os olhos presos do caderno de apontamentos? Tomávamo-lo à vez, de empreitada, reuníamos passagens, comparávamos, a custo reconstituíamos as aulas. Bom mesmo era apenas escutarmos. Quem alguma vez teve a felicidade de conhecer um mestre, compreende o que estou a dizer. Estabelece-se um vínculo para a vida que é inimaginável para quem o inspira, mas denso e inquebrantável para quem o recebe.»

É com estas e mais palavras publicadas na mais recente edição do “Jornal de Letras” que a escritora Lídia Jorge evoca o tempo em que, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em plena década de 60, foi aluna do P. Manuel Antunes, de quem a 3 de novembro se assinala o centenário do nascimento.

Parte desta experiência vai «tomando assento cada vez com mais intensidade entre as realidades imprescindíveis», assinala Lídia Jorge, que se refere ao religioso falecido a 18 de janeiro de 1985 como «figura extraordinária» que proporcionou aos estuantes universitários «uma experiência intelectual inaugural e única».

«Foi nas suas aulas que a definição de determinados conceitos permitiram que várias gerações partissem para a vida munidas de instrumentos de análise para interpretar o mundo herdado, e encontrassem no seu rasto o vigor necessário para construir aquele outro mundo que haveria de ver», salienta o artigo.

**«Havia naquele professor um tal entusiasmo pelo conhecimento que se estabelecia entre todos uma aliança tácita, fundada no respeito pelo saber»**

Após referir que vê no P. Manuel Antunes «um erudito da transformação, um pensador solene, eminentemente livre», Lídia Jorge pergunta-se por que motivo associa ao sacerdote jesuíta, «homem atado ao dogma, ministrando aulas sobre História da Cultura Clássica, num tempo de ditadura, e numa sociedade fechada», o «sentimento de liberdade», de «alegria incontida» e de «emancipação e destreza da alma». «Difícil de explicar», admite.

«Depois eu compreenderia, ainda que na altura não dispusesse das palavras certas, que o religioso que tínhamos na nossa frente se ocupava de um discurso radicalmente laico, mas que ao respeitar a tentativa de discernir as

raízes dos vários pensamentos, o fazia com tanto respeito e empenho, que o seu processo de exposição se tornava litúrgico», observa.

Com efeito, prossegue Lídia Jorge, o P. Manuel Antunes «citava os poetas gregos em grego, os latinos em latim» e os «alemães em alemão». «Sabia demais, nós sabíamos de menos. Mas acho que entre professor e alunos, entendiamo-nos. Nunca assisti a desinteligências por esse tremendo desnível. Havia naquele professor um tal entusiasmo pelo conhecimento que se estabelecia entre todos uma aliança tácita, fundada no respeito pelo saber.»

«Ele não só nos fornecia o alfabeto primário dos conceitos que nos permitiam criarmos a nossa linguagem autónoma, capaz de a partir dos seus signos lermos e escrevermos o nosso mundo, como nos contaminava com o entusiasmo pela vocação de discernir até onde é possível a nossa compreensão alcançar. Assim se compreendia que o professor se empenhasse em citar Platão com tanto fervor quanto Santo Agostinho, Hegel ou Marx e Engels», sublinha.

**«Mas é das suas aulas que eu me lembro, e sinto perante essa lembrança a mesma nostalgia que experimento perante o mundo que ora se fecha, ora se ilumina, para em seguida de novo ficar opaco. Nesse sonho, a sua figura continua a avançar levando-me pela mão através do bosque do pensamento»**

O ensino do P. Manuel Antunes «não parecia empenhado em elegeer um pensamento correto, antes tomava todos os sistemas como dignos, e a todos interpretava como tentativas de se atingir realidades impalpáveis, inacessíveis à compreensão dos homens, mas cujos caminhos estreitos, abertos por cada um deles, tecia uma parte dos alicerces da humanidade balbuciante» dos alunos.

Elevando «a união e a fraternidade como ideais galvanizadores», o P. Manuel Antunes revelou-se, após o fim do regime ditatorial ocorrida na sequência da revolução de 25 de abril de 1974, «como o pensador democrata que era», tendo sido «brilhante como antes havia sido enquanto silencioso conspirador por ideias».

«Mas é das suas aulas que eu me lembro, e sinto perante essa lembrança a mesma nostalgia que experimento perante o mundo que ora se fecha, ora se ilumina, para em seguida de novo ficar opaco. Nesse sonho, a sua figura continua a avançar levando-me pela mão através do bosque do pensamento», assinala Lídia Jorge.

# Padre Manuel Antunes foi um dos «melhores dos nossos maiores», diz Ramalho Eanes



«Tive o privilégio e a vantagem de conhecer, apreciar e estimar o padre Manuel Antunes», declara António Ramalho Eanes, primeiro presidente da República Portuguesa eleito por sufrágio universal direto.

Em texto publicado na edição de hoje do “Jornal de Letras”, o general que ocupou o Palácio de Belém durante dois mandatos (1976-1980, 1981-1986) escreve que com o religioso jesuíta aprendeu «que não só é possível, mas também necessário conjugar pragmatismo com utopia, com sensata utopia».

A ação, sublinha, «mesmo a que responde a exigências imediatas», deve ser norteada por um «escrutinado e assumido projeto coletivo iluminado por uma sã utopia», porque, como escrevia o sacerdote, «sem esse mínimo de utopia será muito difícil – ou talvez impossível – culturalizar a sociedade e socializar a cultura».

«Muitas foram as vezes que recorri aos conselhos do padre Manuel Antunes, quer dirigindo-me diretamente a ele, quer perscrutando a sua obra», assinala Ramalho Eanes, considerado figura central na transição do regime ditatorial para o democrático, na sequência da revolução de 25 de abril de 1974.

Para o antigo chefe de Estado, as opiniões do P. Manuel Antunes «muito terão contribuído para procurar permanecer lúcido, socialmente responsável e coerente nos tormentosos tempos de Abril».

«A eles [conselhos] fui buscar inspiração e, até, engenho para responder ao meu mais importante e árduo trabalho político, nos primeiros anos da institucionalização da democracia: promover a tolerância e o pluralismo – já que, sem pluralismo, não há democracia, e, sem tolerância, não há lugar a verdadeiro pluralismo», assinala.

A terminar, Ramalho Eanes recorda que o P. Manuel Antunes foi agraciado com uma das «mais prestigiadas condecorações» de Portugal, a Ordem Militar de Santiago e Espada», evocando-o «como um dos “melhores dos nossos maiores”».

«O Padre Manuel Antunes, sj (1918-1985), é considerado um dos pensadores e pedagogos mais notáveis do século XX português. Ensinou várias gerações de estudantes, cerca de 15 mil, que frequentaram as disciplinas que lecionou na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, desde 1957 até à sua morte», destaca a página do congresso internacional “Repensar Portugal, a Europa e a globalização – 100 anos – Padre Manuel Antunes, SJ”.

A iniciativa, que decorre de 2 a 6 de novembro na Assembleia da República, na Casa da Cultura da Sertã, vila onde nasceu, e na Fundação Calouste Gulbenkian, pretende «pensar os grandes temas e problemas» de Portugal «em articulação com as grandes questões da Europa e do mundo globalizado», contando com dezenas de oradores, entre os quais o diretor do Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura (SNPC), José Carlos Seabra Pereira.

Em nome da Conferência Episcopal Portuguesa, o SNPC atribui anualmente desde 2005 o prémio Árvore da Vida – Padre Manuel Antunes, com o patrocínio da Renascença, a um percurso ou obra que reflète o humanismo e a experiência cristã.

Rui Jorge Martins / Fonte: Jornal de Letras / Imagem: Padre Manuel Antunes agraciado por Ramalho Eanes | Imagem: Brotéria | D.R. / Publicado em 26.10.2018

[http://www.snpcultura.org/padre\\_manuel\\_antunes\\_foi\\_um\\_dos\\_melhores\\_dos\\_nossos\\_maiores\\_diz\\_ramalho\\_eanes.html](http://www.snpcultura.org/padre_manuel_antunes_foi_um_dos_melhores_dos_nossos_maiores_diz_ramalho_eanes.html)

Passam no dia 3 de novembro cem anos sobre o nascimento do **Padre Manuel Antunes (1918-1985)** na Sertã.

## **UM MESTRE INIGUALÁVEL**

Os alunos e os discípulos do Padre **MANUEL ANTUNES** lembram-se bem do auditório da Faculdade de Letras de Lisboa, completamente cheio, plenamente disponível para o ouvir, como paradigma da sabedoria pura. E isso era admirável, numa escola em que o seu exemplo era uma exceção (graças ao convite de Vítorino Nemésio). A figura frágil do professor contrastava com a segurança no desfiar dos conhecimentos, dos tempos, das épocas, dos autores e das suas obras... Maria de Lourdes Belchior lembrou “este homem de muitos saberes e rigorosos dizeres, que muito viu porque pensou e muito sentiu porque muito sofreu”. A cultura clássica era sobretudo oportunidade para tomar contacto com a essência do conhecimento. A propósito de T. S. Eliot, referia-se a um humanismo nascido “do seio da vida e da cultura dos tempos modernos em crise”, por contraponto à degenerescência em arrivismo e mera expressão quantitativa. E era essa interrogação sobre as raízes e sobre a essência dos problemas que atraía aquela multidão de ouvintes interessados. E assim se entendia como uma atitude humanista pressupunha a compreensão da memória do tempo e uma tomada de consciência da complexidade. E essa memória obrigava a ligar a tradição, enquanto transmissão e herança, com a contemporaneidade que se preocupa com as bases de um futuro de justiça e verdade. Em lugar de uma tradição repetitiva e esclerosada e de uma tradição objeto da curiosidade erudita, tornar-se-ia essencial encarar a tradição como atualização do outrora no agora, “que é diálogo dos vivos com os grandes mortos vivos, que é prolongamento da sua experiência e que é consciência do seu saber”. Daí a paixão pelos clássicos (“os grandes mortos vivos”), que para Eliot implicaria o culto da maturidade, de uma língua, de uma civilização, de um espírito, implicando, além da perfeição do estilo comum, “a história e a consciência da história, de uma história mais ampla que a simples ‘história paroquial’, na expressão de Toynbee”. E assim o mestre jesuíta recordava os belíssimos versos do poeta anglo-americano, em “Four Quartets”: “O tempo passado e o tempo futuro, / Aquilo que poderia ter sido e aquilo que foi / Tendem para um único fim, que está sempre presente”. Afinal, “ser consciente é não estar no tempo”. Como? O professor fazia compreendê-lo, procurando não se deixar iludir pelo curtíssimo prazo. E assim se entende o apego do Padre M. Antunes à História e ao espírito, que Henri de Lubac, o celebrado teólogo, encontrava na grande mensagem de Orígenes.

**ABRIR CAMINHOS NOVOS** Werner Jaeger, autor de *Paideia*, era referencial. Longe de qualquer repetição, o que o Padre Manuel Antunes fazia era abrir caminhos para a leitura dos clássicos, não apenas os antigos, mas os de todas as épocas, aqueles que se foram singularizando na maturidade do saber, do exemplo, da experiência e da aprendizagem. Não esqueçamos o que nos disse sobre o estar especialmente grato ao grande clássico tedesco: “por, através dos seus livros, lhe ter indicado um fio de Ariana no vasto labirinto da cultura grega – a *areté* como ideal de perfeição humana -, por lhe ter feito ver um Aristóteles mais real e menos abstrato, por lhe ter apontado a direção das fontes do neoplatonismo e por, mais recentemente, o ter orientado no sentido do humanismo cristão dos primeiros séculos...”. E quando tantos estudantes se quotizavam para partilhar e usufruir a leitura de obras que ultrapassavam as suas posses ou quando

procuravam o Padre Manuel Antunes na casa da Rua Maestro António Taborda, rodeado de livros de uma biblioteca preciosa, mas nunca distanciado do mundo e da vida, como se ela fosse uma muralha, o que encontravam era abertura, disponibilidade e conhecimento, que lhes permitia melhor descobrir a humanidade. A cultura viva como tradição e diálogo, como especialização e interdisciplinaridade era a marca que distinguia o seu magistério. De facto, importa cuidar do conhecimento e do método. Muito conhecimento se perde na informação e muita sabedoria se perde no conhecimento, na expressão de T. S. Eliot. Sem tradição haveria o risco de infantilismo e do primarismo. Sem diálogo haveria a tentação da sofística labiríntica e obsessiva, do “hermetismo sem janelas, no mutismo sem possibilidades de comunicação”. Sem especialização cair-se-ia nas “generalidades inócuas e nas afirmações sem fundamento”. Sem interdisciplinaridade haveria o risco de as árvores impedirem a visão da floresta.

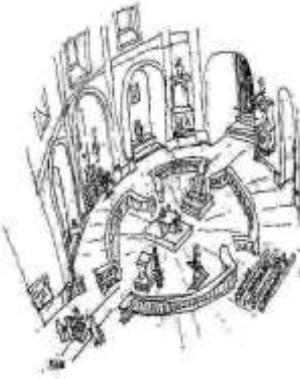
**SEMPRE PEDAGOGO** Como pedagogo que sempre foi – na cátedra universitária ou nas páginas da revista “Brotéria”, com dezenas de pseudónimos – o Padre Manuel Antunes admirava o modo de cultivar o pensamento e a crítica pelos educadores. Admirou, por isso, António Sérgio “um pedagogo que se propôs ensinar a pensar em voz alta, a olhar para os problemas e as coisas com idealidade e lisura, com olhos despreconcebidos e com amor à verdade, que era a sua versão do espinosiano *amor intellectualis Dei*, por ele com tanto gosto e tanta frequência citado”. D. Luísa Sérgio, mulher do ensaísta, foi o elo que os ligou. Da Travessa do Moinho de Vento à porta da Rua da Lapa, onde o Padre Manuel Antunes celebrava, gerou-se uma amizade. “Entre ele, o ‘agnóstico’ e o sacerdote católico havia muito naturalmente, divergência. Mas a relação foi sempre irénica, nunca polémica: franca, nunca reservada; respeitadora, nunca impositiva”... O jesuíta admirava a “nobre e lucidíssima figura”, até porque “era o contrário do erudito que se afunda em fichas e morre em citações tanto quanto se situava nos antípodas do isolamento eburneo”. E quais os seus amores? O amor das ideias, “na sua pureza diáfana e intemporal” e “o amor dessas pedras vivas do edifício social, que são os homens em carne e osso”... Assim, animava-o uma “consciência vigilante, de sentinela nas fronteiras do espírito”... “Por isso, já quase no crepúsculo da vida (revela o jesuíta), vi-o exultar de alegria e júbilo quando João XXIII publicou a *Pacem in Terris*. Era uma linguagem que ele compreendia e era um conteúdo que ele aceitava”... Sophia de Mello Breyner disse melhor que ninguém: “Havia uma coisa extraordinária no padre Antunes: uma grande ligação entre a cultura e a vida. Eu penso que isso lhe era dado, em grande parte, pelo facto de ser padre. Ele nunca se revelou um homem escolar. Qualquer homem com o grau de erudição e inteligência, a capacidade intelectual que ele tinha, corria sempre o perigo de esterilizar humanamente num pensamento abstrato e muito teórico”. E João Bénard da Costa lembra como o sacerdote acompanhou o grupo de católicos inconformistas (António Alçada Baptista e os amigos) nos tempos do “Pacto”, tendo visto na sua atitude “um sinal de Deus e de caminhos futuros ou de caminhos do futuro, tendo ainda sido um dos membros da comissão portuguesa do Congresso para a Liberdade da Cultura, estando “em combates muito difíceis nos anos 60 e 70, antes dessa Revolução que ele analisou, como mais ninguém, nesse livrinho sublime a que chamou *Repensar Portugal*”...

*Guilherme d'Oliveira Martins*

<https://e-cultura.blogs.sapo.pt/a-vida-dos-livros-723380> (29/10/2018)

1974 novembro 3

## os 44 anos da serra do pilar



**G**anha terreno a consciência de que as comunidades hão de dar-se os seus ministros. Não serão comunidades esotéricas de “puros”, a viver só do entusiasmo, mas, sendo autênticas, hão de surgir delas presidentes para a comunidade, que deverão também ser presidentes da Eucaristia: para não se criarem novos senhores feudais com domínio sobre padres vassallos. Também o recurso a padres casados só aumentaria o clericalismo: quando a Igreja pode subsistir com menor número de padres que sejam mais missionários. Talvez o padre do futuro deva ser como se diz da criança: “onde está, é demais; onde falta, faz falta”.

É aos educadores da fé que compete dar o sentido da Igreja, o sentido da vocação ministerial de todo o cristão.

Estas palavras foram ditas pelo Bispo Ferreira Gomes, em Cortegaça, na Semana da Páscoa de 1973. A *Voz Portucalense* publicou-as em 5 de maio do mesmo ano.



**A Serra do Pilar nasceu a esta luz.**